



Ana Miranda

>> amliteratura@hotmail.com

A cronista se reveza quinzenalmente neste espaço com Affonso Romano de Sant'Anna

Estradas do Sertão 2

Os caminhos coloniais do Brasil cortavam Goiás. As terras de Brasília eram percorridas, desde tempos muito remotos, por andarilhos pré-históricos a colher e caçar, e depois, também pelos aventureiros e povoadores. Os trechos coloniais de Vão do Paranã e Águas Emendadas, e de Serra dos Pirineus e Serra Dourada, marcam com rastros de pés descalços e de patas das mulas das tropas, e de cavalos, e de carros de boi, as memórias desses cerrados. Vi, no sítio de Paulo Bertran, a reprodução de pinturas rupestres encontradas nas cavernas,

inscritas por esses mais antigos habitantes de Goiás e Brasília. Sim, Brasília tem pré-história. Uns falcões, umas emas, umas lagartixas...

As estradas eram complicadas, com entroncamentos, desvios, os antigos viajantes precisavam de guias que conhecessem bem os rumos e os perigos. Ligavam Brasília à Bahia, e ao Rio, capitais anteriores, uma curiosidade para a qual Bertran chama a atenção. De Luziânia, se o viajante ia seguir para o norte passava exatamente nas terras do Plano Piloto, até Planaltina, e seguia adiante rumo ao Piauí. Esse caminho era um esboço da Belém-Brasília. Duas estradas cortavam o atual Distrito Federal: a da Bahia, pelos registros de Santa Maria de Lagoa Feia; e a estrada de Minas, pelo registro de Arrepêditos. Outra curiosidade que nos conta Bertran: o rio era Arrepêditos porque ia, e resolvia voltar.

Relatos de viajantes contam que as

"Os trechos coloniais de Vão do Paranã e Águas Emendadas, e de Serra dos Pirineus e Serra Dourada, marcam com rastros de pés descalços e de patas das mulas das tropas, e de cavalos, e de carros de boi, as memórias desses cerrados"

estradas eram bem transitadas, desde os primeiros caminhos abertos, no século 17. Os viajantes passavam por Sobradinho, Planaltina, Formosa, Luziânia, Sítio Novo, pela chapada do Pipiripau, poustavam nos altiplanos de Brazlândia, tomavam quartel na chapada da

Contagem, atravessavam o rio Torto e outros rios — os cavalos pela água e as cargas embarcadas. Seguiam o ribeirão do Gama, atravessavam o terreno onde hoje está o aeroporto, pisavam nas terras hoje cobertas pelo lago do Paranoá. Algumas casas da península têm nas suas salas e quintais a pegada invisível desses exploradores. Eles passavam pelo campus da UnB, por Taguatinga, pelo córrego do Bananal, de deliciosas e frescas águas, pela piscina da Água Mineral, pela Cidade Ocidental... Esteve até o Anhanguera nas Águas Emendadas a pescar nossos peixinhos, dourados, traíras e upiabas, comendo palmito jaguaro assado, olhando os mais lindos entardeceres de sua vida. O bandeirante Urbano do Couto ziguezagueava pelo quadrado de Brasília, batizando as lagoas, colinas, os rios, e criando com seu roteiro uma lenda de ouro, que atraiu muitos caçadores de tesouros a Brasília

e povoou muitas vilas. Governadores passavam com suas comitivas, recepcionados nos arraiais com cantorias, óperas, festas e homenagens. Em Brasília, hoje, os carros repisam esses passos.

Se alguém quiser fazer essa viagem pelo sertão, voltando no tempo, deparando-se com os índios, tropeiros, canoeiros, lavradores, músicos, caraqueiros, bandeirantes, funcionários da Coroa, governadores, soldados, mineradores, passando por roças, engenhos de cana e de farinha, por picos gelados e brancos de geadas, tudo exatamente como era, é só ler o livro *Estrada geral do Sertão na Rota das Nascentes*, de Luiz Ricardo Magalhães e Robson Eleutério. Leia, também, o livro de Paulo Bertran, *História da terra e do homem no Planalto Central*. E vá viajar, sem botas, sem mochila, sem guia, sem nenhum risco, a não ser o da emoção.